

Gestão de desastres e construção de comunidades mais seguras

Bob Hansford, Assessor de Gestão do Risco de Desastres da Tearfund



As inundações no Paquistão, em 2010, afetaram 20 milhões de pessoas.

Os desastres fazem parte da vida diária de uma grande parte da população mundial. A cada ano, ocorrem entre 600 e 800 desastres naturais, alguns pequenos e localizados, outros que afetam vários países e milhares de pessoas.

De acordo com o Relatório Mundial sobre Desastres de 2010, mais de 304 milhões de pessoas foram afetadas por desastres naturais somente naquele ano, e quase 300.000 perderam a vida. Na China, 134 milhões de pessoas foram afetadas por graves inundações, enquanto que, no vale do rio Indo, no Paquistão, 20 milhões sofreram em inundações. As ameaças naturais em si podem ser difíceis, se não impossíveis, de evitar. Por exemplo, um terremoto caracteriza-se por forças subterrâneas enormes e incontroláveis. Porém, uma ameaça sozinha nem sempre causa um desastre. Se uma comunidade tiver pontos fracos (ou vulnerabilidades), a ameaça poderá causar danos e mortes, resultando, então, num desastre. O processo de redução dessas vulnerabilidades é conhecido como Redução do Risco de Desastres.

A vulnerabilidade é criada por vários fatores como, por exemplo:

- Falta de alerta e preparação para as ameaças naturais.
- Habitações de baixa qualidade em locais expostos.
- Dependência de uma só fonte de renda, a qual pode ser interrompida pela ameaça.
- Abastecimento de água inadequado ou desprotegido.

A pobreza também é um fator fundamental que força muitos a viverem em moradias improvisadas, localizadas em locais inseguros, muitas vezes, com fontes de renda incertas, serviços precários e pouca infraestrutura.

Por este motivo, em 2010, 97% das pessoas afetadas por desastres e 80% das pessoas

mortas viviam em países que seriam considerados de média renda ou menos desenvolvidos.

Nos últimos anos, a mudança climática aumentou a frequência e a intensidade de algumas ameaças meteorológicas. O derretimento mais rápido da neve, o aumento nos níveis do mar e os padrões meteorológicos imprevisíveis aumentaram as inundações e as secas. As comunidades estão sendo expostas a ameaças extremas, novas para elas. A atividade humana, como o desmatamento de florestas ou o cultivo em declives íngremes, pode causar a degradação do meio ambiente e aumentar o risco de inundações ou deslizamentos de terras.

Embora a situação possa parecer sombria, muita coisa pode ser feita para reduzir os riscos e criar comunidades mais seguras e menos vulneráveis. Em 2005, os 168 Estados-Membros das Nações Unidas

Leia nesta edição

- 3 Editorial
- 4 Combatendo a seca no Sahel
- 5 Estudo bíblico
- 6 Trabalhando com pessoas deslocadas
- 8 Preparando a família para um desastre
- 10 Sistemas de alerta precoce
- 11 Cartas
- 12 Trabalhando com desastres: Uma jornada desde a assistência em situações de desastres até a redução de riscos e a defesa de direitos
- 13 Deslizamentos de terras
- 14 Protegendo os meios de vida, salvando vidas
- 15 Recursos
- 16 Vida nova após um desastre

Passo a Passo

A *Passo a Passo* é uma publicação que aproxima pessoas envolvidas na área de saúde e desenvolvimento de todo o mundo. A Tearfund, responsável pela publicação da *Passo a Passo*, espera que esta revista estimule novas ideias e traga entusiasmo a estas pessoas. A revista é uma maneira de encorajar os cristãos de todas as nações em seu trabalho conjunto na busca de integração das nossas comunidades.

A *Passo a Passo* é gratuita para os agentes de desenvolvimento de base e líderes de igrejas. As pessoas que puderem pagar podem fazer uma assinatura entrando em contato com a Editora. Isto permite que continuemos fornecendo exemplares gratuitos às pessoas que mais precisam.

Os leitores são convidados a contribuir com suas opiniões, artigos, cartas e fotografias.

Editora: Alice Keen
Tearfund, 100 Church Road, Teddington,
TW11 8QE, Reino Unido
Tel: +44 20 8977 9144
Fax: +44 20 8943 3594

E-mail: footsteps@tearfund.org
Site: www.tearfund.org/tilz

Editora de Línguas Estrangeiras: Helen Machin

Comitê Editorial: Babatope Akinwande,
Ann Ashworth, Sally Best, Mike Clifford,
Steve Collins, Paul Dean, Mark Greenwood,
Martin Jennings, Ted Lankester, Melissa Lawson,
Mary Morgan, Nigel Poole, Clinton Robinson,
Naomi Sosa, Shannon Thomson

Com o nosso agradecimento especial a:
Bob Hansford, Joel Hafvenstein e Sarah Adlard por sua colaboração para esta edição.

Design: Wingfinger Graphics, Leeds

Tradução: E Frías, A Hopkins, M Machado,
W de Mattos Jr, S Melot, N Ngueffo, G van der Stoel,
S Sharp

Assinatura: escreva ou envie um e-mail para o endereço ou e-mail acima fornecendo algumas informações sobre o seu trabalho e dizendo que idioma você prefere.

e-Passo a Passo: Para receber a *Passo a Passo* por e-mail, registre-se no site TILZ. Siga o link "Sign-up to e-footsteps" na página inicial "Home".

Mudança de endereço: Quando informar uma mudança de endereço, favor fornecer o número de referência que se encontra na sua etiqueta de endereço.

Direitos autorais © Tearfund 2012. Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução do texto da *Passo a Passo* para fins de treinamento, desde que os materiais sejam distribuídos gratuitamente e que a Tearfund Reino Unido seja mencionada como sua fonte. Para qualquer outra utilização, favor entrar em contato com footsteps@tearfund.org para obter permissão por escrito.

As opiniões e os pontos de vista expressos nas cartas e nos artigos não refletem necessariamente o ponto de vista da Editora ou da Tearfund. As informações técnicas fornecidas na *Passo a Passo* são verificadas o mais minuciosamente possível, mas não podemos nos responsabilizar caso ocorra algum problema.

A **Tearfund** é uma agência cristã de desenvolvimento e assistência em situações de desastres que está formando uma rede mundial de igrejas locais para ajudar a erradicar a pobreza.

Tearfund, 100 Church Road, Teddington,
TW11 8QE, Reino Unido.
Tel: +44 20 8977 9144

Publicado pela Tearfund, uma companhia limitada, registrada na Inglaterra sob o nº 994339.

Instituição Beneficente nº 265464
(Inglaterra e País de Gales)

Instituição Beneficente nº SC037624 (Escócia)

comprometeram-se em reduzir as perdas resultantes de desastres através de um plano chamado Marco de Ação de Hyogo. O plano também sugere as melhores práticas para qualquer projeto que procure construir comunidades mais seguras. Um bom projeto deve:

- Dar uma prioridade mais alta às atividades pré-desastres e não depender apenas da resposta.
- Identificar, avaliar e monitorar os riscos e desenvolver bons sistemas de alerta precoce.
- Construir comunidades mais seguras através da educação, da conscientização e do treinamento.
- Reduzir os fatores de risco que tornam as pessoas mais vulneráveis – por exemplo, melhorar as moradias, diversificar os meios de vida ou proteger o abastecimento de água.
- Aumentar a preparação para os desastres para que a resposta seja mais rápida e mais eficaz.

Houve algum progresso, especialmente no âmbito comunitário: foram formados Comitês de Gestão de Desastres locais; foram realizadas avaliações de riscos; foi feito lobby junto a departamentos governamentais para mudar as políticas de desastres; foram treinadas equipes de voluntários; e foram estabelecidos sistemas de alerta precoce. Em alguns locais, foi planejada uma série completa de atividades para serem realizadas em caso de risco de alguma ameaça específica. Isto é conhecido como plano de contingência.

Ainda há muita coisa que precisa ser feita para reduzir o número de mortes e outras perdas nos desastres naturais. É importante assegurar que tanto o governo nacional quanto o governo local tenham os seus próprios planos de contingência. A preparação precisa ser flexível para atender a ameaças novas ou mais extremas causadas pela mudança climática. Em 2009, um grupo de agências publicou um recurso chamado *Characteristics of a Disaster-Resilient Community* (Características de uma Comunidade Resiliente aos Desastres), o qual descreve o que veríamos se visitássemos uma comunidade capaz de responder e se recuperar rapidamente de um desastre. Estas características incluem:

- Boa liderança – geralmente um comitê local dedicado à construção de uma comunidade mais segura.
- Avaliações de riscos – que utilizam tanto os conhecimentos tradicionais quanto as informações científicas.
- Pessoas com um bom conhecimento sobre desastres e que transmitem este conhecimento aos jovens nas escolas, bem como através de meios menos formais.
- Bons métodos agrícolas e culturas suficientemente fortes para enfrentar inundações ou secas.
- Estruturas adequadas, construídas para resistir a ameaças, como, por exemplo, tanques de captação de água, diques de proteção contra inundações, depósitos de cereais ou canais de irrigação.
- Sistema de alerta precoce centrado nas pessoas.



Residentes de Porto Príncipe, no Haiti, trabalhando juntos para limpar os escombros após um grande terremoto em 2010.

EDITORIAL



Alice Keen
Editora

Os desastres trazem consigo grandes desafios. Após o resgate, a resposta e a recuperação, vêm a reconstrução e a restauração de vidas. Porém, o trabalho não termina aí. Reduzir o risco de futuros desastres é fundamental para evitar a perda de mais vidas. Para alguns de nós, os desastres naturais, como os terremotos, as inundações e as secas, são algo sobre o qual ouvimos falar, que ocorre em lugares distantes. Para outros de nós, eles podem fazer parte da vida da nossa comunidade. Como sempre, concentramo-nos em

orientação e exemplos práticos, com artigos sobre sistemas de alerta precoce (página 10), trabalho com pessoas deslocadas (página 6) e preparação para desastres (páginas 8–9). Algumas organizações da Índia e do Níger também contaram sobre o seu trabalho com a Redução do Risco de Desastres. Quer tenham sofrido pessoalmente algum desastre, quer não, espero que vocês se inspirem com a história de Leon, um sobrevivente de um terremoto no Haiti que nos lembra de que a vida após um desastre ainda pode ser vivida ao máximo (página 16).

Aqui na *Passo a Passo*, recentemente examinamos a nossa lista de correspondência

e ficamos muito contentes ao ver que agora possuímos leitores em mais de 160 países! É um grande incentivo saber que há pessoas com a mesma forma de pensar por todo o mundo, que estão procurando se informar e se inspirar para fazer a diferença nas suas comunidades. Obrigada a todos aqueles que entraram para o nosso Grupo de Feedback da *Passo a Passo*. Vocês receberão o seu primeiro questionário juntamente com esta edição, e estaremos aguardando suas respostas. Como sempre, continuamos orando para que Deus abençoe o trabalho de suas mãos.

Alice

- Planos de contingência para comunidades e famílias – inclusive evacuação para áreas mais seguras e equipes de voluntários treinados.

Com uma forte participação comunitária e uma boa combinação de atividades, é possível realizar o sonho de tornar o povoado um lugar mais seguro. A igreja local ou outros grupos de base comunitária podem ajudar a mobilizar e equipar a comunidade para agir usando seus próprios recursos. As comunidades podem ser desenvolvidas de forma a resistirem às ameaças atuais e se prepararem para as ameaças que a mudança climática pode trazer no futuro.

O ciclo do desastre

Os desastres frequentemente se repetem no mesmo local – anualmente ou com um intervalo de alguns anos. Uma vez que as necessidades imediatas numa área de desastre foram atendidas, inicia-se o trabalho de reconstrução. Este é acompanhado da aprendizagem através da experiência do desastre e do planejamento para reduzir o risco de futuros desastres. Este “ciclo do desastre” é ilustrado à direita.

RESPOSTA EMERGENCIAL Nos primeiros dias e semanas logo após um desastre, é preciso fazer buscas e resgates, prestar cuidados médicos e prover alimentos, água, saneamento e abrigo bem como apoio emocional.

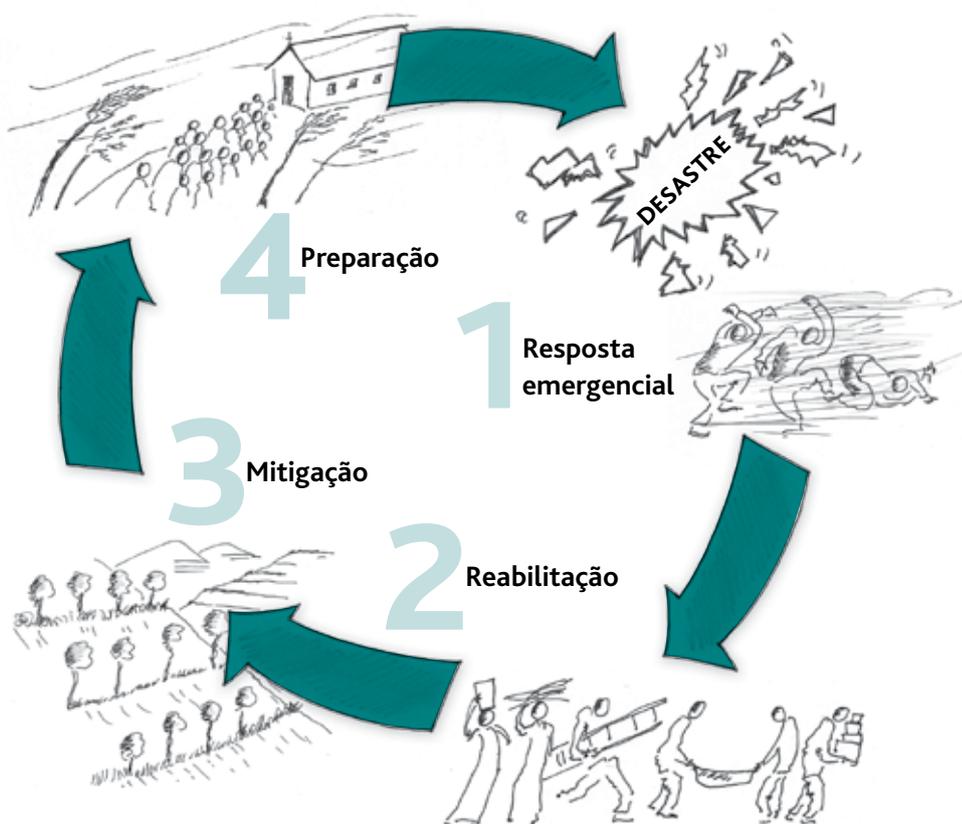
REABILITAÇÃO À medida que as semanas vão passando, as moradias precisam ser consertadas, os suprimentos de água, restaurados, e os meios de vida,

restabelecidos. Muitas vezes, a reabilitação é chamada de recuperação.

MITIGAÇÃO Estas atividades ajudam a “reconstruir melhor”, tornando a comunidade mais resistente às futuras ameaças. A mitigação está intimamente ligada à reabilitação – por exemplo, moradias mais fortes ou elevadas, bombas de água sobre plataformas elevadas, culturas alternativas que enfrentem melhor as inundações ou secas.

PREPARAÇÃO Isto significa preparar-se para a próxima tempestade ou inundação como, por exemplo, estabelecendo um sistema de alerta, reservando suprimentos de alimentos ou água, preparando um centro de evacuação ou treinando voluntários.

O recurso Characteristics of a Disaster-Resilient Community pode ser baixado no site TILZ www.tearfund.org/tilz ou pode-se solicitar um exemplar escrevendo para a Editora.



Combatendo a seca no Sahel

Jeff Woodke



Jim Loring / Tearfund

Membros de uma tribo do Sahel agem para proteger suas terras construindo muros baixos.

O povo de Abrik, uma pequena comunidade localizada nas savanas do centro-norte do Níger, na África Ocidental, esperou pacientemente pelas chuvas em 2008, mas se decepcionou. Em 2009, novamente, a comunidade esperou pacientemente pelas chuvas e novamente se decepcionou. Desta vez, a seca foi ainda mais abrangente e atingiu o país inteiro. O norte do Sahel é sempre seco, recebendo apenas entre 250 e 300 mm de chuva por ano. Contudo, o povo de Abrik e do resto do Departamento de Abalak, onde eles vivem, não têm tido chuva significativa alguma desde 2007! Como eles conseguiram sobreviver até as chuvas de 2010? Como estes pastoralistas seminômades mantiveram seus filhos e seus animais vivos durante o que viria a ser dois anos de seca?

Uma abordagem integrada

A Jeunesse En Mission Entraide et Développement (JEMED), uma pequena ONG cristã, trabalha com os pastoralistas tuaregues e fulani no Departamento de Abalak desde 1990, ajudando a construir comunidades resistentes à seca. Atualmente, eles servem comunidades com um total de mais de 25.000 indivíduos, tanto muçulmanos quanto cristãos. A JEMED adota uma abordagem integrada para os problemas de desenvolvimento entre os pastoralistas. Ela combina elementos de adaptação à mudança climática, Redução

do Risco de Desastres, gestão dos recursos naturais e desenvolvimento comunitário num só programa, agora chamado de "Desenvolvimento Resiliente", um nome criado pela Tearfund. Em 2009, a JEMED recebeu o prêmio Sasakawa do Secretariado das Nações Unidas para a Estratégia Internacional para Redução de Desastres (sigla em inglês: UNISDR) pelo seu trabalho com a Redução do Risco de Desastres.

Secas frequentes

A ideia de soluções à prova de seca ou do clima é essencial para a estratégia da JEMED.

Esta ideia veio dos próprios pastoralistas, que disseram à JEMED, em 1990, que "tudo o que for feito deve levar em conta as secas, ou não será de interesse algum para nós". O motivo disso é que as secas estão se tornando mais frequentes, provavelmente por causa da mudança climática. Entre 1973 e 2000, houve apenas duas secas grandes. Desde o ano 2000, houve três secas grandes em âmbito nacional e uma em âmbito local. As secas têm efeitos devastadores para as pessoas e o seu meio ambiente e forçaram os pastoralistas a se adaptarem. Práticas previamente inconcebíveis para um pastor, como a redução de estoque (venda de gado antes de uma seca), tornaram-se aceitas e generalizadas.

Pontos de fixação

A solução proposta pelos pastoralistas em 1990 tornou-se o modelo para todo o trabalho da JEMED na área e foi amplamente adotada no Departamento de Abalak. Ela consiste no estabelecimento de um "ponto de fixação" no território de estação seca do grupo. Esta é uma adaptação de uma prática pré-existente de se manter um ponto de abastecimento de água durante a estação seca. O "ponto de fixação" começa com o desenvolvimento de uma fonte de água, a qual se torna o centro do território do grupo. Esta fonte geralmente é um poço cavado à mão de até 130 metros de profundidade. A água é retirada com a utilização de animais. O fato de que os pastoralistas visitam o ponto de fixação regularmente torna-o o local ideal para a criação de outras estruturas físicas e sociais como, por exemplo, centros de saúde, bancos de cereais e escolas. Os pastoralistas podem continuar vivendo o seu estilo de vida seminômade tradicional, indo ao ponto de fixação conforme necessário, ou construir uma moradia fixa no local, se desejarem.

Desenvolvimento resiliente

Resiliência é a capacidade de sobreviver, recuperar-se e adaptar-se a choques e estresse que poderiam afetar a comunidade. Estes podem ser desastres repentinos (por exemplo, terremotos e eventos meteorológicos extremos) ou mudanças que ocorrem mais lentamente (por exemplo, mudanças no clima, HIV, inflação nos preços, etc.). Uma comunidade que consegue aprender e se ajustar a estas condições variáveis é uma comunidade resiliente. É importante que todo o desenvolvimento seja resiliente.

Um local de oportunidade

A mudança climática fez com que os pastoralistas mudassem o seu alimento básico do leite para os cereais, o que aumentou as suas necessidades hídricas e diminuiu a sua mobilidade. O ponto de fixação oferece uma fonte permanente de água. Um banco de cereais no local permite que os pastoralistas comprem cereais a preços mais baixos do que no mercado. Também há pequenas lojas cooperativas administradas por mulheres no local bem como bancos de animais que vendem forragem animal. Assim, as pessoas vendem menos animais para poderem comprar cereais e outros artigos essenciais. Elas também economizam dinheiro, pois não precisam viajar para chegar ao mercado, que pode ficar a 100 km de distância. A segurança alimentar aumenta, tornando a comunidade mais resiliente em épocas de seca.

Alguns homens e mulheres do grupo são treinados para prestar cuidados de saúde básicos no local, o que diminui ainda mais a necessidade de viajar. São estabelecidas escolas primárias com um refeitório escolar e algumas famílias anfitriãs que vivem no local. Assim, as crianças de famílias nômades podem permanecer no ponto de fixação e ser escolarizadas. Também há aulas de alfabetização adulta tanto para homens quanto para mulheres.

Gado

Os recursos naturais ao redor do ponto de fixação podem ser protegidos e regenerados. Estas áreas protegidas servem como reservas para burros e animais leiteiros durante as secas ou as estações secas. A JEMED, então, trabalha com as comunidades para garantir o reconhecimento jurídico dos seus direitos de gestão da terra, uma parte importante da adaptação à mudança climática.

Através de pequenos empréstimos rotativos de dinheiro e animais dentro da comunidade, as pessoas têm a oportunidade de diversificar seus meios de vida. Isto permite que os pastoralistas usem as habilidades que já possuem com animais para obter um lucro e usá-lo para financiar outras atividades de geração de renda. Uma percentagem dos empréstimos é destinada às mulheres para garantir que um número maior de pessoas participe da geração de renda. Foram introduzidos métodos pastoris modernos, tais como vacinação, redução de estoque, cruzamento seletivo e uso de forragem suplementar. Estas ideias parecem simples, contudo, representam grandes mudanças para os pastoralistas. Foi importante que todas as atividades fossem integradas e que

elas fossem repetidas na maioria dos locais com injeções sucessivas de capital que, com o tempo, fossem diminuindo. Embora este ciclo de projeto seja prolongado, ele permite que as comunidades desenvolvam sua resiliência e diversifiquem suas economias mesmo sob condições de seca.

Sinais de mudança

O resultado é que, após a crise, Abrik perdeu apenas 47 por cento do seu gado devido à seca, em comparação com 70 por cento na maioria dos outros locais em que a JEMED não trabalha. Abrik solicitou apenas uma pequena quantia de ajuda de emergência em 2010, um ano de grave crise alimentar no Níger. A escola não fechou nenhum dia, e havia alimento, água e leite para as mulheres e as crianças. Sua economia estava tão diversificada que, embora a perda de animais tenha sido prejudicial para os pastoralistas, ela não os destruiu. Eles conseguiram sobreviver a dois anos de seca com pouca assistência externa e se reconstruíram sem ajuda alguma.

O povo de Abrik agora é resiliente e não precisa mais da JEMED. Ele se tornou um exemplo para os que desejarem copiá-lo. O processo levou muito tempo, mas valeu a pena. A JEMED está trabalhando para replicar esta experiência em outras comunidades na área. O Níger é um país em que o sucesso é difícil de alcançar. Contudo, com a graça de Deus, a JEMED continuará ajudando as comunidades a alcançar o potencial que Deus lhes deu.

Jeff Woodke trabalha com a Jeunesse En Mission Entraide et Développement (JEMED) no Níger, na África Ocidental. Para obter mais informações sobre este projeto, entre em contato com tamasheq@aol.com

ESTUDO BÍBLICO Preparando-se para os desastres

Adaptado de Disasters and the Local Church (Desastres e a Igreja Local), de Bill Crooks e Jackie Mouradian

Leia Gênesis 41:25-40

Deus avisou o rei egípcio, através de um sonho, que a seca e a fome estavam a caminho da sua terra. José foi chamado da sua cela na prisão para interpretar o sonho (sobre vacas e espigas de milho!). Ele sugeriu algumas ações para enfrentar o desastre e foi encarregado pelo rei para pô-las em prática.

José estabeleceu supervisores e prédios para armazenar cereais durante os sete anos bons. Os agricultores tinham de entregar um quinto (20 por cento) da colheita de cada ano ao governo para ser armazenado e usado durante os sete anos de fome (Gênesis 41:33-36).

Pontos principais

- *Esta história é sobre uma ameaça que havia sido prevista, de maneira que foi possível agir antes que ela ocorresse. Ela enfatiza a importância dos sistemas de alerta precoce, sejam eles divinos ou feitos pelo homem! No mundo de hoje, o alerta precoce para secas, tempestades e inundações pode ajudar a reduzir o impacto da ameaça.*

- *A responsabilidade pela gestão foi conferida a José – as pessoas confiavam nele. Em situações de emergência, é necessário que haja confiança no líder.*
- *Deus usou este projeto para salvar a família inteira de José e garantir o futuro de Israel. Deus pode usar o planejamento para desastres para fazer o bem e alcançar seus propósitos no mundo.*

Perguntas

- *Como o sonho mudou a maneira como o povo egípcio respondia à sua situação?*
- *José recebeu a função de coordenar a resposta do Egito. Quais eram as suas qualidades que o tornavam adequado para este trabalho?*
- *Que medidas específicas José tomou para ajudar a nação (e seus vizinhos) a sobreviver à seca?*
- *Você consegue pensar em algum líder natural na sua igreja e na sua comunidade que poderia ajudar numa situação de emergência e em quem as pessoas confiariam?*

Trabalhando com pessoas deslocadas

Adaptado de *Disasters and the Local Church (Desastres e a Igreja Local)*, de Bill Crooks e Jackie Mouradian

Pessoas deslocadas são aquelas que deixaram a área em que normalmente vivem porque sua vida ou seu meio de sustento estava em perigo. Elas se mudaram para uma nova área para evitar mais perdas de vidas e pertences e por causa do risco de novos desastres. Os desastres naturais são uma das principais causas do deslocamento. As ameaças como os tsunamis, os terremotos, as erupções vulcânicas, as inundações, os vendavais e as secas podem destruir ou danificar moradias e meios de sustento a ponto de não ser mais seguro ou viável para as pessoas permanecerem em casa.

As comunidades e as organizações locais, tais como a igreja local e outros grupos religiosos, frequentemente já se encontram numa boa posição para responder imediatamente à chegada de pessoas deslocadas. Muitas vezes, o desejo de ajudar as pessoas que precisam é forte, mas os aspectos práticos de lidar com a chegada repentina de um grande grupo de pessoas podem ser difíceis.

Aqui estão alguns dos problemas que as pessoas deslocadas geralmente enfrentam:

- Elas podem estar em mau estado de saúde ou nutrição.
- Elas podem não ter tido condições de trazer artigos domésticos essenciais ou alimentos.
- Elas podem não possuir bens porque os perderam no desastre, venderam para conseguir dinheiro ou porque foram roubados.

- Elas podem não ter documentos de identidade e/ou viagem.
- Elas podem não ter acesso a terras e empregos.
- Elas podem ter acesso limitado aos mercados na sua nova região.
- Elas podem não ter acesso aos serviços de saúde, à educação ou a outros serviços sociais disponíveis aos habitantes locais.
- Elas podem estar traumatizadas e precisando de apoio social e/ou aconselhamento.
- Pode haver membros familiares separados, inclusive crianças separadas dos pais.
- As mulheres e as crianças, particularmente, podem estar vulneráveis à exploração sexual ou à violência.
- As comunidades locais podem ser hostis à chegada das pessoas deslocadas e podem

não estar dispostas a dividir recursos, especialmente se estes recursos forem escassos.

- Os governos locais podem ver as pessoas deslocadas como uma ameaça para a paz e a estabilidade no local e podem procurar contê-las em campos ou outros espaços confinados.

Como responder

Responder às necessidades das pessoas deslocadas exige generosidade e um desejo de "amar o próximo". É provável que a sua comunidade já possua recursos consideráveis para oferecer em resposta às necessidades das pessoas deslocadas, mesmo que você não possa satisfazer todas as necessidades delas.

- Podem-se usar equipamentos e instalações como prédios de igrejas, um saguão ou uma escola como abrigo temporário rápido e acessível para pessoas traumatizadas. As propriedades onde eles estão localizados oferecem proteção adicional.
- Podem-se usar equipamentos e utensílios (às vezes mantidos para alimentar um grande número de pessoas em casamentos ou outras celebrações) para alimentar as famílias deslocadas.
- Voluntários podem preparar alimentos locais para as pessoas comerem e organizar distribuições dentro do campo.
- Os líderes comunitários geralmente são capazes de mobilizar e motivar as pessoas para responder rapidamente.
- Os conhecimentos e o idioma locais podem ajudar a orientar as pessoas deslocadas para tomarem decisões fundamentais enquanto estão num ambiente social complexo e estranho.
- As comunidades religiosas também podem oferecer apoio emocional e oração às pessoas que perderam um ente querido ou estão sofrendo de estresse.

*Para obter orientações mais práticas sobre como responder às necessidades das pessoas deslocadas, leia o capítulo quatro de *Disasters and the Local Church*. Para obter o recurso, acesse o site TILZ ou encomende um exemplar impresso (para mais informações, veja a página 15).*



Layton Thompson / Tearfund

O conflito também é uma das principais causas de deslocamento. Entre janeiro e outubro de 2011, quase 326.000 pessoas foram internamente deslocadas devido a conflito no Sudão do Sul (Apelo Consolidado das Nações Unidas de 2012 para o Sudão do Sul).

Crianças em situações pós-desastres

A cada ano, quase 750.000 crianças ao redor do mundo são afetadas por desastres e podem ficar muito perturbadas com a experiência de serem deslocadas e perderem entes queridos e amigos.

A comunidade local pode fazer algo para garantir a segurança das crianças e ajudá-las a aceitar e lidar com a sua experiência. Para restaurar um pouco de normalidade à vida destas crianças, as igrejas ou outras organizações comunitárias podem oferecer “clubes infantis”. Estes podem oferecer atividades que ajudem a reconstruir a capacidade das crianças de brincarem juntas e recuperar o seu senso de esperança e bem-estar social. Os clubes também lhes dão a oportunidade de aprender, por exemplo, sobre a saúde. Isto é especialmente importante em situações em que há crianças separadas das suas famílias. Em áreas de desastres freqüentes, a igreja poderia considerar a possibilidade de formar uma equipe de pessoas treinadas para prestar aconselhamento às crianças de uma forma segura e que lhes proporcione apoio.



A Supervisora de Educação Tamara Olicœur ensinando crianças sobre higiene e saneamento no povoado de Siloye, no Haiti.

Richard Hanson / Tearfund

Clubes infantis no Haiti

Logo após o terremoto do Haiti, a Tearfund criou cerca de 70 clubes infantis ao redor de Léogâne, alguns deles, em associação com igrejas locais. As líderes de um dos clubes foram as irmãs Françoise e Monette. Cento e trinta crianças, entre 3 e 14 anos de idade, frequentavam o clube duas ou três vezes por semana. Elas aprendiam canções infantis sobre cuidados de saúde e prevenção de doenças num local seguro, onde as crianças podiam ser crianças novamente. O entusiasmo de Françoise e Monette pelo clube e sua paixão pela educação infantil fez uma diferença enorme: o clube tornou-se um dos locais mais empolgantes para as crianças do local e ajudou-as a enfrentar o trauma do terremoto e aprender mensagens importantes sobre a saúde.

Proteção infantil

Uma triste realidade é que há pessoas que tentam explorar e abusar das crianças, muitas vezes concentrando-se justamente naquelas que se encontram vulneráveis após um desastre. As crianças separadas das famílias correm o risco de serem raptadas, traficadas, exploradas ou machucadas. As igrejas talvez possam criar “locais seguros” para estas crianças em áreas urbanas ou rurais e assegurar que elas recebam cuidados e sejam protegidas contra pessoas que lhes queiram fazer mal e, quando possível, reunidas e reintegradas às suas famílias extensas. É importante que as organizações e as igrejas tenham políticas e procedimentos de proteção infantil para garantir que estejam criando um local seguro para as crianças vulneráveis.

Ajudando a cicatrizar as feridas das crianças traumatizadas

As crianças gravemente traumatizadas podem achar difícil expressar ou até mesmo dar um nome aos seus sentimentos. As seguintes atividades podem ajudar:

- Em algumas situações, se a criança tiver perdido os pais ou parentes próximos, pode ser uma boa ideia fazer uma “caixa de lembranças” com todas as coisas que eram apreciadas na pessoa que a criança perdeu. Quando sentir saudades daquela pessoa especial, a criança pode abrir a caixa e sentir-se próxima a ela.
- Primeiro providencie conselheiros treinados prontos para apoiar as crianças que participarem deste exercício.
 - 1 Dê a cada criança uma folha grande de papel e alguns lápis coloridos.
 - 2 Peça-lhes para fazer um desenho da sua jornada até agora e das experiências pelas quais passaram no caminho, inclusive os momentos de medo.
 - 3 Com a ajuda de conselheiros treinados, passe algum tempo com cada criança conversando sobre o que ela desenhou e o que ela sentiu em cada situação. A discussão num grupo maior e aberto pode causar muita ansiedade em muitas das crianças, portanto, é melhor usar grupos pequenos. Os conselheiros devem permitir que as crianças falem sobre os sentimentos mais profundos no seu próprio ritmo.

Preparando a família para um desastre

Adaptado de Disasters and the Local Church (*Desastres e a Igreja Local*), de Bill Crooks e Jackie Mouradian. Veja a página 15 para obter mais informações sobre esta publicação. Ilustrações de Bill Crooks.

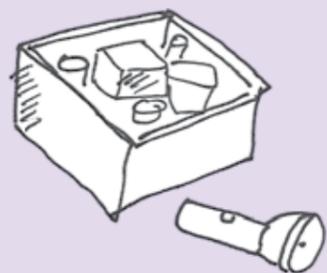
Preparação para inundações

- Se possível, mantenha um pequeno estoque de alimentos secos que não precisem ser cozidos ou refrigerados – pode faltar combustível seco e eletricidade.
- Encha recipientes com água potável limpa e cubra-os.
- Aprenda a nadar. Os membros da família que não souberem nadar devem ser incentivados a manterem por perto coisas que os ajudem a boiar, como, por exemplo, troncos de bananeiras, garrafas de plástico ou cocos.
- Armazene alguns artigos essenciais (como sacos de areia ou lona plástica) para proteger a sua casa e fazer consertos de emergência. Se o dinheiro permitir, algumas tábuas de madeira, um martelo e alguns pregos também seriam úteis.
- As sementes devem ser embrulhadas em dois sacos de plástico, um dentro do outro, ou vedadas em potes de barro e enterradas no solo, num local que possa ser facilmente encontrado mais tarde.
- Prepare um plano de evacuação da família, tomando cuidado especial com os membros vulneráveis (veja mais no quadro abaixo).
- Pense sobre como avisar os outros caso você fique preso em cima de um telhado (por exemplo, amarre roupas coloridas a uma vara e abane como se fosse uma bandeira).
- Coloque todos os aparelhos elétricos num local mais elevado para evitar que se danifiquem na inundação.

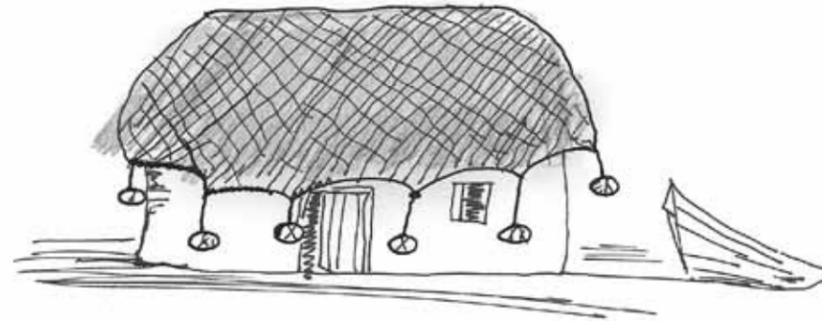


Preparação de uma caixa de emergência

Mantenha uma caixa de suprimentos de emergência em boas condições. Ela deve incluir: uma lanterna, fósforos secos e velas, materiais de primeiros socorros, uma barra de sabão, remédios básicos, água e alguns alimentos secos. Talvez você também queira guardar coisas pessoais como passaportes, carteiras de identidade, certidões, escrituras de terras e dinheiro num local seguro para poder encontrá-las rapidamente se houver uma emergência. Em caso de inundação, é uma boa ideia guardar estas coisas num saco à prova d'água. Se tiver um celular, certifique-se de que ele esteja carregado e tenha números de telefone importantes (inclusive do governo local e dos serviços de emergência, se possível).



Preparação para um vendaval



- Se houver previsão de vendaval, junte alimentos suficientes para alimentar a família por um período de 5 a 7 dias e alguns recipientes de água potável limpa.
- Certifique-se de que as pessoas doentes, idosas e mais vulneráveis tenham acesso a abrigo seguro e resguardado do frio e alimentos adequados. Elas devem ser evacuadas para um local seguro assim que os alertas começarem.
- Certifique-se de que todo o gado seja recolhido e colocado num local seguro em terras elevadas. Os animais frequentemente são deixados desamarrados para ficarem livres e se salvarem a si próprios.
- Embrulhe as sementes para o plantio em pequenos sacos de plástico e, então, se possível, embrulhe-as num pedaço de plástico grande para protegê-las.
- Se tiver eletricidade em casa, desligue a chave geral de eletricidade e tire os plugues dos aparelhos das tomadas. Desligue também os aparelhos a gás e feche as válvulas dos botijões de gás: isto reduz o risco de incêndio.
- Para reduzir os danos às propriedades num vendaval, os pescadores, às vezes, cobrem os telhados de sapé com suas redes com pedras amarradas nas pontas. Outras comunidades que vivem no litoral preferem viver em moradias que possam ser facilmente desmontadas. Elas simplesmente pegam os materiais de construção da casa e carregam-nos para um local mais abrigado longe da praia!

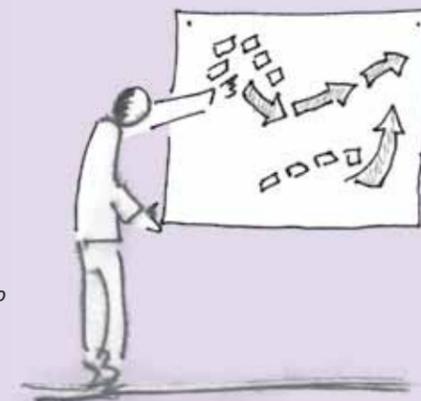
Evacuação

Abrigo: Se houver ameaça de vendaval e inundação, a comunidade deve escolher um local seguro onde as famílias possam se abrigar durante a tempestade. Este deve ser em solo elevado e ter bastante espaço para os membros da comunidade. Em alguns países, o governo ou as ONGs constroem abrigos fortes contra ciclones elevados, sobre pilares. Muitas vezes, são usados escritórios do governo, escolas, igrejas ou mesquitas. Eles precisam ser esvaziados e preparados antes que a tempestade chegue.

Rota: A seguir, a comunidade deve marcar uma série de rotas de evacuação para o abrigo com

sinais claros: ou postes com o topo pintado de branco ou sinais pintados nas paredes das casas ou nos troncos das árvores. Estas marcas brancas ajudarão as pessoas a encontrarem o caminho para um local de abrigo mesmo no escuro ou durante a inundação.

OBSERVAÇÃO: Tome cuidado especial com os idosos, as pessoas com deficiência, as mulheres grávidas, as pessoas com doenças de longo prazo e as crianças pequenas. Estas pessoas devem ser evacuadas rapidamente com a ajuda de familiares ou voluntários.



Preparação para terremotos

Pratique o procedimento para terremotos "caia, cubra e segure-se".

- CAIA** significa: sente-se no chão.
 - CUBRA** significa: proteja a cabeça com uma mochila escolar ou almofada.
 - SEGURE-SE** significa: agarre-se a algum móvel sólido. Se não tiver móveis fortes, sente-se no chão, ao lado de uma parede interna e cubra a cabeça e o pescoço com os braços.
 - Coloque todos os móveis junto às paredes em cada cômodo da casa e os objetos pesados no chão, não em prateleiras altas. Pense em maneiras de fixar armários pesados e estantes de livros à parede com ganchos e suportes.
 - Mantenha todos os armários altos fechados e, se possível, trancados, quando não estiverem sendo usados.
 - Muitos incêndios são causados por vazamento de gás após um terremoto. Se tiver gás encanado em casa, aprenda como fechar as válvulas de gás na sua casa e deixe uma chave inglesa à mão para isto. É uma boa ideia desligar o gás à noite ou se sair de casa.
- Tome as seguintes medidas para se proteger e proteger outras pessoas:
- Informe-se sobre os procedimentos de evacuação para incêndio e planos para terremotos de todos os prédios que você normalmente ocupa.
 - Identifique locais seguros em cada cômodo da sua casa, local de trabalho ou escola. Um local seguro poderia ser embaixo de móvel pesado ou encostado a uma parede interior – longe de janelas, estantes de livros ou móveis altos que poderiam cair sobre você.
 - Certifique-se de que todos da sua família saibam o que fazer, especialmente as crianças.
 - Deixe uma lanterna (ou velas e fósforos) e sapatos ao lado da cama de cada pessoa à noite, bem como uma garrafa de água potável (trocada regularmente).
- OBSERVAÇÃO:** A maioria dos prédios do mundo não desaba num terremoto. Há muito mais probabilidade de você se ferir seriamente com a queda de objetos e vidros quebrados ou caindo na escada ao tentar sair do prédio. Porém, se estiver num prédio particularmente vulnerável, tente sair para um espaço aberto o mais rápido possível. Exemplos deste tipo de prédio são:
- um prédio não reforçado (por exemplo, de tijolos de barro) com um teto pesado;
 - um prédio num declive íngreme apoiado por pilares.

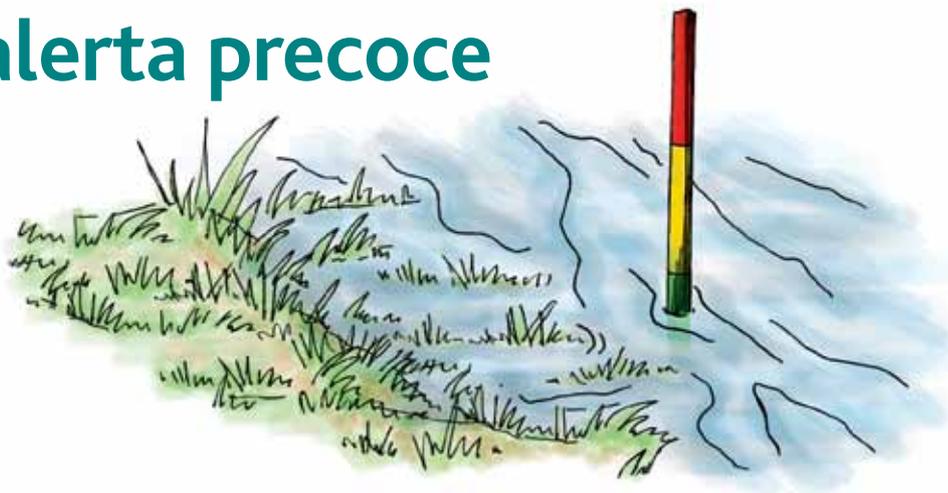
Caia! Cubra! Segure-se!



Sistemas de alerta precoce

Adaptado de Disasters and the Local Church (Desastres e a Igreja Local), de Bill Crooks e Jackie Mouradian

No caso de um desastre, alertar as comunidades pode fazer a diferença entre a vida e a morte. Abaixo, você encontrará alguns exemplos de sistemas de alerta precoce úteis para áreas de risco de inundação. É importante estabelecer um método simples de monitoramento do aumento da profundidade da água, para que haja alguma forma de alerta de uma inundação que se aproxima.



Medidores de profundidade

Em alguns países, as comunidades colocam uma série de varas de bambu num rio com medidas de profundidade (como uma régua) ao longo delas. Frequentemente, são usadas três cores:

- verde, na parte de baixo, significa "seguro";
- amarelo, no meio, significa "fique alerta";
- vermelho, no topo, significa "perigo".

Isto dá uma indicação da rapidez com que a água está subindo. Durante uma chuva forte,

Atividade comunitária/em grupo

Preparação de um sistema de alerta precoce eficaz

OBSERVAÇÃO: esta atividade pode ser usada para vários tipos de ameaças diferentes.

Desenhe uma grade numa folha grande de papel ou num quadro-negro.

Pergunte ao grupo: "Quais são as características de um sistema de alerta precoce eficaz?" Escreva todas as respostas da explosão de ideias na coluna da esquerda da grade. Sugira quaisquer características adicionais que o grupo possa ter deixado de fora.

A seguir, discuta os tipos de sistemas de alerta precoce disponíveis ou possíveis na comunidade. Escreva-os na linha superior da grade.

Em cada um dos possíveis sistemas de alerta precoce, desça a coluna e marque as características eficazes que ele possui. Por exemplo, os "sinos de igrejas" podem ser bons para alcançar as pessoas vulneráveis, mas as pessoas podem não saber o que fazer ao ouvi-los. Os telefones celulares podem ser bons para avisar rapidamente, mas as famílias mais vulneráveis podem não ter um telefone celular.

Quando terminada, a grade ajudará a comunidade a identificar as melhores opções para o seu contexto. É raro que um só tipo de sistema de alerta precoce seja 100% eficaz. Na maioria dos casos, uma combinação de sistemas será a melhor opção. Por exemplo, um vigia com um celular poderia chamar a igreja ou a mesquita, a qual, então, poderia transmitir o alerta para que toda a comunidade possa ouvi-lo.

Tipos de Sistema de Alerta Precoce

Características dos sistemas de alerta precoce eficazes	Telefones celulares	Sinos de igreja (ou altofalantes de mesquitas)	Transmissão por rádio	Voluntário com megafone		
	Chega na hora certa (em relação à velocidade do desastre)					
Alcança todas as pessoas (especialmente as mais vulneráveis)						
É exato: comunica a informação certa						
Usa recursos disponíveis no local e tecnologia confiável e durável						
Incorpora o conhecimento tradicional sobre alertas precoces de desastres						
As pessoas sabem o que ele significa e o que fazer						
Improvável de dar alarmes falsos						
Praticado em treinos e mudado com base nas opiniões da comunidade						

alguns membros da comunidade devem ser incumbidos de monitorar o nível da água e alertar a comunidade se a água chegar ao nível de perigo (marcado em vermelho).

Cordas e sinos

Uma comunidade das Filipinas amarra cordas sobre os rios com bandeiras e pequenos sinos afixados a elas. Se o nível do rio subir, os sinos tocam alertando as pessoas para o perigo.

Vigias

Em algumas partes do Afeganistão, durante a estação das inundações repentinas, uma comunidade manda rapazes arrebanhar as cabras nas colinas altas e ficar vigiando para ver se a água sobe de repente no leito do riacho. Se o vigia vir a água subir rapidamente, ele alerta a comunidade através de um tiro de rifle, do toque de uma corneta ou de algum outro sinal que possa ser ouvido a longa distância.

Dando o alarme

Se a água subir acima do nível de perigo, todos os membros da comunidade devem ser alertados, e deve-se pedir às pessoas em perigo para irem para terras mais elevadas. Muitas comunidades desenvolveram formas de transmitir alertas, inclusive usando sinos de igrejas, alto-falantes de mesquitas, telefones celulares, gongos e megafones (carregados por voluntários em bicicletas). Nas inundações repentinas, a água sobe com muita rapidez. Se os telefones celulares estiverem funcionando, podem-se enviar mensagens por celular de locais situados a montante do rio a locais situados a jusante, alertando as pessoas da inundação que se aproxima.



Ilustrações de Amy Levene

Irrigação com bomba a motor

Sou o coordenador de uma organização local que trabalha com pequenos agricultores em horticultura. Há anos usamos regadores para irrigar nossas hortaliças, embora com certa dificuldade. A utilização de regadores torna nosso trabalho muito limitado, assim, minha comunidade e eu decidimos que, em breve, compraremos uma bomba a motor.

Eu ficaria muito agradecido se algum dos leitores pudesse ter a gentileza de nos explicar como utilizar uma bomba a motor para irrigar. Então, como a área que cultivamos aumentará significativamente, precisaremos de mais sementes de hortaliças.

Se algum dos leitores da *Passo a Passo* puder ajudar, por favor, entre em contato conosco.

Emery Lendo-Ngembo
Coordinateur de l'ONGD APROMAT
B.P 85 Tshela
Bas-Congo
République Démocratique du Congo
E-mail: apromattshela@yahoo.fr

Boas notícias de Benin



Finalmente encontramos tempo para tirarmos uma foto com a nossa equipe. Ela foi tirada em frente do mural de leitura, onde colamos a revista chamada GUGU no idioma anii. O nome é uma abreviação de "nova forma de pensar", e estamos treinando uma equipe inteira de jovens locais para produzi-la. Ela é colada nestes murais de leitura em todos os povoados onde trabalhamos. Cobrimos uma variedade de tópicos, desde questões de desenvolvimento até entretenimento e conhecimento. Vocês podem dar uma olhada na revista on-line: www.revue-gugu.org

Os seus materiais ajudam a inspirar a nossa equipe, e estamos pretendendo traduzir partes dos seus bons materiais para o idioma

local. O treinamento em tradução começa na próxima semana, e também tentaremos algumas páginas dos seus Guias PILARES para ver se é difícil.

Tudo de bom no seu trabalho!

Stefanie Zaske
Revue GuGu
SIL
B.P. 50
Bassila
Benin
E-mail: info@revue-gugu.org

Protegendo as mudas contra as cabras



Como parte do meu trabalho, viajo para países na África Ocidental para trabalhar com organizações locais a fim de encontrar formas de melhor proteger o seu meio ambiente. Uma das atividades realizadas pelos habitantes locais é plantar árvores para prevenir a erosão do solo, criar biodiversidade e gerar renda. Na Nigéria e em outros países da região, as cabras frequentemente não deixam as mudas sobreviverem. As cabras obviamente gostam das folhas macias das mudas jovens. Este é um constante desafio para o plantio de árvores. Eu adoraria receber suas sugestões sobre como evitar que as cabras ou outros animais comam as mudas.

Liu Liu
Auxiliar de Gestão de Desastres e
Sustentabilidade Ambiental
Tearfund
100 Church Road
Teddington
TW11 8QE
Reino Unido
E-mail: liu.liu@tearfund.org

Trabalhando com desastres

Uma jornada desde a assistência em situações de desastres até a redução de riscos e a defesa de direitos

Kennedy Dhanabalan, Diretor Executivo, EFICOR



Um poço tubular elevado sobre uma plataforma permite que a comunidade tenha acesso à água potável segura durante uma inundação.

Em mais de 40 anos de experiência na resposta a desastres, a Evangelical Fellowship of India Commission on Relief (EFICOR – Comissão para a Assistência em Situações de Desastres da Fraternidade Evangélica da Índia) evoluiu de uma organização que somente oferecia assistência de emergência em situações de desastres para uma organização ativamente envolvida no desenvolvimento da capacidade das comunidades para defender e promover os direitos das pessoas afetadas por desastres. A EFICOR está envolvida em todos os aspectos da gestão de desastres: assistência em situações de desastres, reabilitação, Redução do Risco de Desastres (RRD), defesa e promoção de direitos e trabalho em rede.

Da assistência em situações de desastres à Redução do Risco de Desastres

Em julho de 2004, o estado de Bihar, na Índia, enfrentou suas piores inundações em 50 anos. As inundações afetaram 21 milhões de pessoas em 9.360 povoados, em mais de 20 distritos. As inundações recorrentes tornaram a população destas áreas extremamente vulneráveis. Ano após ano, o governo indiano e organizações humanitárias realizam atividades de assistência em situações de desastres e reabilitação após cada emergência.

Através da sua experiência na resposta a situações de desastres, a EFICOR percebeu que a provisão de assistência de emergência não incentivaria a sustentabilidade numa comunidade que enfrenta inundações quase

que uma vez a cada dois anos. A primeira vez que eles introduziram a RRD foi em janeiro de 2003, numa área de Andhra Pradesh, no sul da Índia, que enfrenta muitas ameaças diferentes. As inundações e as secas haviam afetado a comunidade local devastando culturas e destruindo a economia local. A EFICOR foi além da provisão de assistência em situações de desastres desenvolvendo a capacidade da comunidade local e tomando medidas físicas para reduzir os efeitos de futuras ameaças. Os funcionários da EFICOR foram treinados para fazer mapeamentos sociais e dos recursos bem como avaliações de riscos, usando, para isto, a ferramenta de Avaliação Participativa do Risco de Desastres (APRD) (*ROOTS 9 dá orientação sobre a APRD. Para obter mais informações sobre como acessar este recurso, veja a página 15*). Se as culturas corriam risco, a análise mostrava que

fatores tais como o arrendamento de terras, as estações de colheitas, a formação de diques ao longo do rio e o curso imprevisível dos rios as tornavam vulneráveis à destruição.

Mudança na forma de pensar

Este processo participativo revelou quais eram os fatores que podiam ser abordados pela própria comunidade e ajudou a determinar quais os recursos que eram necessários do governo ou de outras agências. Também sugeriu onde a defesa e a promoção de direitos seriam mais eficazes. O processo foi fundamental para a mudança nas atitudes da comunidade em relação à gestão dos desastres. Ao invés de cada pessoa pensar sobre as suas próprias necessidades, elas agora eram capazes de pensar em como a comunidade inteira poderia ser beneficiada. Por exemplo, ao invés de querer que as bombas manuais fossem instaladas perto das suas casas, os habitantes do povoado viram que a localização estratégica das bombas manuais podia ajudar mais pessoas durante as inundações. Eles também viram que tinham os seus próprios recursos, o que lhes deu uma sensação de autonomia por saberem que não precisavam ser tão impotentemente vulneráveis às inundações.

Comitês de Gestão de Desastres em Bihar

O distrito de Madhubani, em Bihar, é um exemplo excelente do engajamento comunitário. A resposta inicial às inundações levou ao trabalho de redução dos riscos de futuros desastres, bem como à defesa e à promoção de direitos em âmbito nacional. Para causar um impacto grande e sustentável, o projeto concentrou-se em desenvolver a capacidade da comunidade para responder a um desastre. Foram formados Comitês de Gestão de Desastres (CGDs) em cada povoado, com cerca de 7–10 membros (sendo que pelo menos um terço dos membros eram mulheres). Foi feito treinamento sobre RRD, e os membros foram conectados ao Gram Panchayat (governo local) para defender e promover os direitos relacionados com várias necessidades dos seus povoados e para terem acesso a programas do governo.

O CGD serve de órgão consultivo e de tomada de decisões sobre questões de gestão de desastres na comunidade. Ele é formado por representantes do governo, representantes da Gram Sabha (Assembléia do Povoado) e membros de Grupos de Autoajuda de mulheres. Cada povoado também possui uma força-tarefa de cerca de 20–25 jovens, com subgrupos que se concentram em cinco elementos diferentes: Alerta, Resgate, Primeiros-Socorros, Assistência Emergencial e Abrigo. São organizados treinamentos com especialistas e viagens de

exposição para incentivar os grupos com casos de sucesso de outros povoados. Os membros da força-tarefa fazem demonstrações em eventos nos povoados para conscientizar a comunidade e mostrar suas habilidades.

Mitigação prática

Foram preparados planos de gestão de riscos para ajudar a comunidade a se preparar e se recuperar das ameaças naturais. Foram construídas estruturas físicas como abrigos para inundações e poços tubulares elevados para obter água potável segura durante as inundações a fim de reduzir os seus impactos. Também foram providenciadas rotas de evacuação, barcos e tubulações de drenagem (dispositivos usados para canalizar a água). Foi estabelecido um Fundo de Mitigação de Desastres para pagar a manutenção destas estruturas físicas. Este dinheiro também pode ser usado para operações de assistência em situações de desastres. Os agricultores foram incentivados a fazer seguro contra desastre para as suas colheitas e animais. Foram realizados encontros de treinamento sobre RRD em todas as escolas da área do projeto para conscientizar as crianças.

Defendendo e promovendo a mudança

A intervenção de RRD também deu à EFICOR a oportunidade de se manifestar num nível político mais alto, ajudando-a a obter

acesso a órgãos formuladores de políticas como o Departamento Nacional de Gestão de Desastres da Índia. A organização pôde tomar parte numa força-tarefa de ONGs que preparou diretrizes para inundações a serem implementadas pelo governo estadual. O Plano Distrital de Mitigação de Desastres de Madhubani foi desenvolvido pela EFICOR num trabalho coordenado com a Sphere Índia e o Bihar Inter Agency Group juntamente com a administração distrital e o Departamento Estadual de Gestão de Desastres de Bihar.

A defesa e a promoção de direitos e o trabalho em rede em todos os níveis (local, estadual, regional, nacional e internacional) ajudam a salvar vidas e os meios de sobrevivência sob o risco das ameaças, trazendo mudanças tanto nas políticas quanto nas práticas. Para romper o ciclo da vulnerabilidade, as organizações precisam ser envolvidas em todos os níveis – desde a assistência em situações de desastres até a defesa e a promoção de direitos. A experiência da EFICOR mostrou que isto é possível e pode ter um impacto duradouro.

Fundada em 1967, a Evangelical Fellowship of India Commission on Relief (EFICOR) é uma organização de desenvolvimento e assistência em situações de desastres sediada em Nova Delhi. Ela lida com questões de segurança alimentar, governança local, gestão de desastres, HIV e AIDS, saúde, nutrição e educação. Para obter mais informações, acesse www.eficor.org ou escreva para EFICOR, 308, Mahatta Tower, B Block Community Centre, Janakpuri, New Delhi – 110058, Índia.



Membros da força-tarefa praticando técnicas de resgate.

EFICOR

Deslizamentos de terras

Os deslizamentos de terras ocorrem quando o solo de um declive se torna instável e porções de terra, lama e pedras começam a deslizar declive abaixo. Eles podem causar danos graves e são difíceis de prever. As chuvas fortes e os terremotos são os principais desencadeadores de deslizamentos de terras.

Sinais de alerta

Os deslizamentos de terras podem ser precedidos de rachaduras no solo, pequenos disparos de pedras, canos de água quebrando ou mudanças no fluxo de riachos (que podem repentinamente ficar lamacentos ou parar). As cercas, as paredes ou as árvores podem começar a se inclinar, o que indica que está havendo movimento embaixo delas. A encosta de uma colina sem árvores ou uma área em que houve deslizamentos de terras antes corre risco, especialmente quando há chuva forte.

Redução dos riscos

É possível tornar os declives mais seguros de várias formas:

- Evite tirar terra do declive para criar espaço para casas ou para plantar.
- Plante árvores ou capim que segure o solo ao longo da linha do declive.
- Coloque uma fileira de pneus velhos de carros ao longo da curva de nível do declive, amarre-os um ao outro com arame e prenda o arame com estacas no declive. Plante uma árvore dentro de cada pneu.
- Evite construir moradias nas terras em torno de um deslizamento anterior.

Escoamento

Para as comunidades localizadas nas encostas de colinas, o escoamento da água é fundamental para reduzir os riscos. Deve-se construir um bom sistema de drenos forrados com plástico ou cimento, para onde toda a água da chuva

dos telhados e a água residual das moradias (não das latrinas) possa ser canalizada. Para isto é necessário um acordo e uma ação conjunta por parte de toda a comunidade. Podem-se abrir drenos adicionais atravessando o declive acima das moradias mais altas. Naturalmente, todos os drenos devem ser mantidos limpos, especialmente durante a estação das chuvas.

Preparação para deslizamentos de terras

Em áreas de alto risco, podem ser formadas equipes de voluntários para verificar o movimento do solo durante períodos de chuvas fortes e estarem preparadas para alertar as pessoas se começar um deslizamento de terras. Deve haver ferramentas adequadas acessíveis, para desenterrar vítimas, e materiais de primeiros-socorros. Uma escola, uma igreja ou algum outro prédio público pode-se tornar um centro de evacuação – pré-equipado com água limpa e latrinas.

Para obter mais informações, consulte Disasters and the Local Church (Capítulo 6) ou leia os estudos de caso no site www.mosaic.org

Protegendo os meios de vida, salvando vidas

Joel Hafvenstein

Embora proteger a vida das pessoas nos desastres seja a principal prioridade, proteger seus meios de vida é quase tão importante. Se as pessoas perderem sua capacidade de se alimentarem, sua sobrevivência em longo prazo será incerta, e elas se tornarão muito mais vulneráveis ao próximo desastre.

Primeiro precisamos compreender quais são os meios de vida das pessoas – todas as formas de produzir alimento, ganhar a vida e garantir o suprimento de suas necessidades. Então, conversando com a comunidade, podemos procurar maneiras de:

PROTEGER OS MEIOS DE VIDA VULNERÁVEIS

EM BANGLADESH, as pessoas que vivem em ilhas fluviais encontraram muitas soluções engenhosas para proteger seus meios de vida durante as inundações. Uma delas é a “horta flutuante”. Ao invés de serem cultivados no solo, os legumes são cultivados numa plataforma feita de aguapés empilhados uns sobre os outros e cobertos com terra. Durante uma inundação, a plataforma flutua na água, e os legumes sobrevivem. Você pode ler mais sobre as hortas flutuantes na *Passo a Passo 77*.

NO MALAUI, os pequenos agricultores são muito vulneráveis   seca. Os parceiros da

Tearfund ensinaram-lhes sobre a conserva o do solo e da água, inclusive a aplica o de esterco, composto, capta o de água, agrossilvicultura e a forma o de leivas (trechos de terra mais elevados) nas curvas de nível para diminuir a velocidade do escoamento de  gua. Estas técnicas reduzem a erosão e ajudam o solo a segurar mais água, permitindo que mais culturas e terras agrícolas sobrevivam aos períodos de seca.

AUMENTAR A RESILIÊNCIA AOS DESASTRES

Quando conversamos sobre os desastres com as comunidades, muitas vezes, elas sabem dizer se um meio de vida   menos vulnerável ao desastre do que os outros. Podemos, então, tentar ajudá-las a tornar este meio de vida mais produtivo.

NO NORTE DO AFGANIST O, duas graves secas nos últimos quatro anos afetaram duramente os agricultores. Porém, havia uma



Ilustra o de Amy Levene

importante indústria local que não dependia das chuvas: tecelagem de tapetes. O fio têxtil usado nos tapetes afeg os   fiado por mulheres da localidade com l  importada. Mesmo num ano de seca, a fia o de l  pode trazer uma renda significativa para estes povoados do norte.

Neste caso, a Tearfund procurou formas de fortalecer este meio de vida resiliente aos desastres e, com sucesso, introduziu rodas de fia o a pedal em áreas onde as mulheres antes fiavam a l    mão. As rodas ajudaram as mulheres a produzir quatro vezes mais fio para vender aos comerciantes locais.

INTRODUZIR MEIOS DE VIDA ALTERNATIVOS

Se as pessoas dependerem completamente de um ou dois meios de ganhar a vida, elas se tornarão muito vulneráveis aos desastres.   importante ajudá-las a experimentar novas oportunidades, para que tenham diversos meios de vida.

EM BANGLADESH, os parceiros da Tearfund incentivaram as pessoas que vivem em áreas com propensão   inunda o a começarem a criar patos (que nadam) ao invés de galinhas (que se afogam).

NO MALAUI, os parceiros mostraram aos agricultores novas culturas que toleram uma variedade maior de condi oes do clima e do solo: batata-doce, feijão, mandioca, amendoim, soja e ervilha de  ngola.

Para obter ideias de novos meios de vida que possam ser adequados para sugerir às comunidades na sua área, você pode entrar em contato conosco pelo e-mail footsteps@tearfund.org

Joel Hafvenstein trabalha como Assessor de Redu o do Risco de Desastres e Meio Ambiente na Tearfund.



Marcus Perkins / Tearfund

O parceiro da Tearfund Eagles trabalha com pessoas locais no Malawi para melhorar as práticas agrícolas.

Site TILZ <http://tilz.tearfund.org/portugues> As publicações internacionais da Tearfund podem ser baixadas gratuitamente no nosso site. Pesquise qualquer tópico para ajudá-lo no seu trabalho.



Disasters and the Local Church (Desastres e a Igreja Local)

Esta nova publicação da Tearfund oferece orientação prática para líderes de igrejas em áreas propensas a desastres na Ásia, na África, na América Latina e no Caribe. A gestão de desastres raramente é ensinada em seminários ou escolas bíblicas. Contudo, em épocas de crise, os membros da igreja frequentemente procuram os seus líderes espirituais bem como o governo local para obter ajuda e orientação. Este livro foi escrito para líderes de igrejas caso se encontrem em meio a uma crise – seja ela inundação, vendaval, fome ou terremoto.



ROOTS 9 – Reducing risk of disaster in our communities (Reduzindo o risco de desastres em nossas comunidades) – 2ª Edição

Este livro descreve uma metodologia chamada Avaliação Participativa do Risco de Desastres (APRD). A APRD ajuda as comunidades a avaliar os fatores que contribuem para o tamanho e a escala de qualquer desastre potencial e a desenvolver planos que pertençam às pessoas locais para lidar com estes riscos. Este é um processo de empoderamento da comunidade que ajuda as pessoas a usar sua própria capacidade para reduzir sua vulnerabilidade às ameaças.



A segunda edição foi recentemente publicada com base na edição original de 2006. Foram feitas muitas melhorias em resposta ao feedback recebido ao longo dos últimos cinco anos. Os novos aspectos abordados são:

- metodologia melhorada com novos modelos;
- mais exemplos de avaliações realizadas;
- exemplos de perguntas para discussões em grupos focais;

Adoramos ver nossas publicações traduzidas para os idiomas locais, de maneira que elas possam chegar a mais pessoas, especialmente aquelas que não possuem informações no seu idioma materno. Embora não possamos financiar as traduções locais, podemos enviar orientações sobre o processo de tradução. Se desejar traduzir uma das nossas publicações, por favor, entre em contato com publications@tearfund.org

Organizações e sites úteis

A Rede Global de Organizações da Sociedade Civil para a Redução de Desastres está comprometida em trabalhar em conjunto para melhorar as políticas e as práticas de Redução do Risco de Desastres em todos os níveis de tomada de decisões. A rede produz uma série chamada “Views from the Frontline” (Perspectivas da Linha de Frente), que traz as opiniões das pessoas das comunidades de base para o centro do debate, identificando medidas fundamentais necessárias para fazer progresso. Acesse: www.globalnetwork-dr.org ou escreva para: Marcus Oxley, 100 Church Road, Teddington, Middlesex, TW11 8QE, Reino Unido.

A Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho oferece assistência humanitária “sem discriminação em termos de nacionalidade, raça, crenças religiosas, classe ou opiniões políticas”. Eles produzem anualmente o Relatório Mundial sobre Desastres. A edição de 2011 concentra-se na crise crescente de fome e subnutrição. Os relatórios podem ser baixados no site: www.ifrc.org ou escreva para eles no endereço: The International Federation of Red Cross and Red Crescent Societies, P.O. Box 372, CH-1211 Genève 19, Suíça.

- sugestões de atividades de redução de riscos para diferentes tipos de ameaças;
- maior ênfase no gênero como uma questão transversal;
- maior reflexão sobre a mudança climática e seus impactos sobre futuras ameaças.

As organizações que trabalham na área de Redução do Risco de Desastres (RRD) ou desenvolvimento geral acharão CEDRA útil, especialmente as pessoas com experiência em planejamento e gestão de projetos de desenvolvimento.

A segunda edição já está disponível.

CEDRA – Climate change and Environmental Degradation Risk and Adaptation assessment (Levantamento dos riscos e da adaptação à mudança climática e à degradação ambiental) – 2ª Edição

CEDRA é uma ferramenta ambiental de âmbito estratégico para agências que trabalham em países em desenvolvimento. Usando CEDRA, as organizações da sociedade civil podem priorizar as ameaças ambientais que podem representar um risco para os locais dos seus projetos atuais, ajudando-as a tomar decisões para adaptá-los ou iniciar novos projetos. A ferramenta discute como se adaptar e como tomar decisões de maneira que as organizações possam tornar seus projetos resilientes às mudanças no meio ambiente.



PILARES – Preparando-se para desastres

Os Guias PILARES oferecem aprendizagem prática baseada em discussões sobre o desenvolvimento comunitário. Este guia visa conscientizar mais as pessoas quanto à necessidade de se prepararem para possíveis desastres e reduzirem seus impactos. Para isto, o guia ajuda a comunidade a trabalhar em conjunto de forma mais eficiente considerando sua capacidade para responder aos desastres. Ele traz informações sobre procedimentos básicos de emergência e sobre como avaliar a capacidade de uma comunidade para responder a um desastre.



Para encomendar exemplares impressos de qualquer uma destas publicações, acesse o site da Tearfund www.tearfund.org/publications. Continuamos comprometidos em oferecer recursos às pessoas que não podem pagar o preço integral das nossas publicações. Para solicitar um exemplar gratuito, escreva para publications@tearfund.org ou para o nosso endereço postal: International Publications, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido.

Vida nova após um desastre

Em 2010, Leon Gaisli sofreu ferimentos na medula espinhal durante um forte terremoto no seu país de origem, o Haiti. Ele perdeu o movimento das pernas, mas, após sua reabilitação no Hospital da Convenção Batista do Haiti, em Cap-Haïtien, Leon tornou-se um ciclista de handbike muito entusiasmado.

A handbike (uma bicicleta adaptada) permite que a pessoa use os braços, ao invés das pernas, para movimentar a bicicleta. Esta atividade proporcionou-lhe uma verdadeira esperança e força para superar os desafios à sua frente. Além da auto-realização, Leon tem orgulho de andar de bicicleta para desafiar o estigma dentro do Haiti e espera poder representar o Haiti nas Paraolimpíadas de Londres, em 2012, e em outras competições. Ele se tornou o primeiro ciclista de handbike haitiano a participar de uma competição internacional ao representar seu país nos Jogos Parapan Americanos de 2011 no México. Ele espera que o seu testemunho represente um incentivo para todos ao redor do mundo e que, através do seu ciclismo, as pessoas mudem sua maneira de pensar no Haiti e em outros países. Abaixo, ele conta parte da sua história:

VOCÊ PODE DESCREVER A SUA VIDA ANTES DO TERREMOTO?

Eu trabalhava num hospital como agente da saúde comunitária vacinando crianças, promovendo a amamentação e dando orientação sobre nutrição infantil. Eu também trabalhava numa construção e ajudava minha esposa com o nosso negócio, vendendo ervilhas, alho e galinhas comprados numa cidadezinha local chamada Dajabon.

O QUE ACONTECEU DURANTE O TERREMOTO?

Na manhã do dia do terremoto, fui trabalhar no hospital. Voltei para casa às quatro horas e estava assistindo a um filme com minha família, quando ouvi um barulho alto na rua. Eu estava a ponto de sair para ver qual era o problema, quando o chão de repente pareceu me atirar para cima e eu caí. Vi as paredes da minha casa se espatifarem, e uma parte

enorme caiu sobre mim quando eu estava perto da saída. Fiquei embaixo dos escombros por três dias, mas quando eles foram retirados para me tirarem dali, perdi a consciência.

VOCÊ PODE CONTAR A SUA HISTÓRIA DESDE O TERREMOTO?

Minha prima mora nos EUA, mas ela sempre fica com a minha família quando vem ao Haiti. Ela veio nos visitar duas semanas depois do terremoto e descobriu que o prédio inteiro onde eu morava tinha desmoronado. Ela achou que tinha perdido a família toda, mas descobriu que eu ainda estava vivo quando telefonei para ela da República Dominicana, onde eu estava me recuperando. Ela me contou que a minha família toda tinha morrido. Eu tinha mulher e oito filhos.

O QUE O AJUDOU A RECONSTRUIR SUA VIDA DEPOIS DO TERREMOTO?

Depois do terremoto, eu entreguei tudo nas mãos de Deus. Agora eu vivo como uma pessoa que ressuscitou dos mortos. Eu aceito tudo o que Deus me dá. Ele me trouxe para o hospital e estou vivo por estar aqui.

O QUE VOCÊ ESPERA PARA 2012?

Eu gostaria de ter um emprego novamente, mesmo que eu não possa fazer o mesmo tipo de trabalho que antes. Porque Deus me deu a vida, quero que Ele me dê habilidades para fazer o que Ele quiser. Quero que Deus me ajude a ser útil para mim mesmo e para os meus outros filhos (de um relacionamento anterior), da mesma forma que antes, quando eu podia caminhar. Sempre fico com lágrimas nos olhos quando me lembro de que minha pobre prima está ajudando minhas duas filhas.

Comecei a fazer handbike e pude representar o Haiti nos Jogos Parapan no México. Seria



Carwyn Hill / Haiti Hospital Appeal

Leon com o seu treinador suíço, Albert Marti.

um grande orgulho para mim poder ir às Paraolimpíadas este ano. Eu quero mostrar às pessoas de todo o mundo que as pessoas com deficiências são capazes de alcançar muito. No Haiti, a vida é difícil para nós porque enfrentamos a discriminação diariamente. Eu quero que isto mude.

QUE MENSAGEM VOCÊ GOSTARIA DE TRANSMITIR AO MUNDO?

Deus cuida tanto das pessoas com deficiência quanto das pessoas sem deficiências. Deus sempre manda um corvo, como Ele fez com Elias (1 Reis 17:2-6). Todos devem louvar a Deus porque temos o mesmo valor diante dos seus olhos. Precisamos orar, pois um dia podemos ir dormir com fome, mas, no dia seguinte, Deus pode mudar as coisas. Devemos dar a Deus todos os momentos da nossa vida!

Esta entrevista foi cordialmente organizada pelos funcionários do Haiti Hospital Appeal (HHA). Para ficar sabendo mais sobre o trabalho deles, acesse www.haitihospitalappeal.org ou envie um e-mail para info@haitihospitalappeal.org

O HHA também está trabalhando em parceria com outros para obter apoio para uma equipe de atletas haitianos com deficiências que estão tentando se qualificar e participar dos Jogos das Paraolimpíadas de 2012, em Londres. Acesse www.haitidream.org para obter mais informações sobre esta iniciativa.